



MobFan

I

Paisagem enigmática  
Mítica ou real?  
Controversa... Abissal!

II

Com essa rede entremeada  
De arbustos e arvoredos  
Com raízes profundas fincadas  
Mas pelas marcas 'superficializadas'  
Entre sombras acinzentadas  
Céu azul colossal  
Aspereza macia  
Pulcro ensolarado  
Chamejante... ou desbotado?  
Emerge um brilho alucinante  
Em gélido inverno descomunal!

III

De Uns...  
Ouve-se uma indagação:  
Como beleza fenomenal  
Pode despertar destroços  
Atrelar embaraços?  
Angústia camuflada?... velada?...encoberta?  
Inesperadamente, ativada... descoberta?

Como ser também predição...  
Prenúncio... anúncio  
De tristeza desmedida  
Desesperança depressiva  
Ou de solidão anormal?

IV

Daqueles Outros...  
Em tempo de longínqua recordação...  
Rememora-se de como, com o impasse de sua arte  
Em tentativas de ‘dita’ sublimação  
À dor, davam voz  
E cantarolavam, com o coração:  
“*Tem dias que a gente se sente  
Como quem partiu ou morreu...*”

V

Destarte...  
É trazido à tona  
A quase bicentenária  
Psicanálise!!!!  
Que já como peste  
Por seu Pai fora batizada  
E entre adversidades, lançada!!!  
Hoje... por Alguns Outros apaixonados  
Advertidos... acautelados  
Lacan e seus constructos  
No Seminário da Ética, pinçados  
Aqui serão articulados!

VI

PARÊNTESE  
Parafraseando, Doltô:  
“Arrisca-se com responsabilidade”!  
Portanto...  
As inversões ou supressões  
Nas possíveis citações  
Que porventura apareçam  
Intentam que  
‘*Com Palavras A Brincar*’  
A rima possa aflorar!”

VII

Continua-se com Lacan:  
O filhote de homem  
*Anatural* e mortificado  
Pela sua entrada na linguagem  
Desde sempre  
Campo do inconsciente!  
Assinala:

“... esse campo... logicamente organizado, comporta uma *Spaltung* que se mantém em toda a seqüência do desenvolvimento, e é em relação a essa *divisão* que deve ser

articulado, em sua função, o desejo como tal. Esse desejo apresenta assim certas arestas, um certo ponto de obstáculo...” O que complica na experiência freudiana “... a direção dada ao homem de sua própria integração.” (p.256)

VIII

Então...

Sujeito de desejo... Desejo? Inconsciente...

Dividido... Sujeito ambíguo...

Ininterruptamente castrado

Sujeito Barrado

Diante fulguroso espetáculo

Mais próximo ao natural

Bascula entre o estonteante visual

E, o que, com ímpeto, o ‘erupciona’

Enlameando o seu astral!

Subitamente, em larvas ou aguaças

Vulcânicas silábicas evacuadas

Surge o seu sofrer

Sem saber o que, nem o porquê!

E, Lacan, em sua interlocução sobre o Sujeito, afirma que o mesmo está inserido num “... campo onde o sujeito, se ele subsiste, é incontestavelmente um sujeito que não sabe, num ponto de ignorância limite, se não absoluta.” (p.260)

IX

Artesão... *falasser*

Insurgido da cadeia significante

E, entre significantes, representado

Com palavras em *desregramento* encadeadas

*Desnorteadas... destrilhadas... ‘desencarreadas’*

Evasivas e/ou certeiras sobre si

Como alvo de deprecição... apreciação?

Instiga a se revisitar novamente Àqueles Outros:

“*O que dá pra ri*

*Dá pra chorar ...*”

Ao escutar-se sua perspicaz musicalidade

Prontamente, argúi-se

Encobre-se aí uma caricata amenidade?

E, Lacan ressalta: “... se as vias para o gozo têm, nelas mesmas, algo que se amortece, que tende a ser impraticável, é a interdição que lhe serve, por assim dizer, de veículo utilitário, de tanque para sair desses círculos que trazem sempre o homem, sem saber, o que fazer, para a rotina de uma satisfação curta e tripudiada.” (pag. 217)

X

O humano, como ser de linguagem

E na mesma entrelaçada

Tece seu enxoval psíquico

Com o jogo metafórico do significante

Menção, por Lacan, realçada:

“É em relação com a articulação significante que ele, como sujeito, surge como consequência.” (p.268)

Sujeito padecente

“Nessa paixão do significante surge o ponto crítico, do qual a angústia é, no caso, apenas um afeto desempenhando o papel de sinal ocasional.” (p. 178), adverte.

XI

Cenário de encanto indescritível  
Ou de crueldade atormentável... indizível?  
Enodamento em imbricada trama  
Onde há um furo... um toro...  
Que ‘bordeia’ um túnel...  
Às vezes, com um fio luminoso  
De um Simbólico enevoadado... fosco  
Outras vezes, posto que brilhante  
Nem sempre eclode radiante!

XII

Uns dizem permanecer  
Numa invernia crucial insistente  
Com um sofrimento persistente:  
O Inverno Existencial de Cada Um!  
De Imaginário inchado... hipertofiado... vexante...  
Pesado e escaldante para o ser andante  
Que elide o Sujeito claudicante  
Entre enxurrada de atrofiados significantes!

XIII

Persiste-se questionando, Àqueles Outros:  
Estariam vivenciando também seu inverno existencial?  
Seu inferno sideral?  
Utilizam-se da “via sublimatória”  
Para minorar os efeitos  
Do avassalador Real?  
Conclamada, então, a sublimação  
Por Lacan comentada  
A partir do conceito de mito de Lévi-Strauss:  
“...uma organização significativa, um esboço, por assim dizer, que se articula para suportar as antinomias de certas relações psíquicas... (p.178)”

XIV

...Que mesmo assim...  
Sem dar em nada  
Nem dar conta de nada  
Ou nada ter a se dizer  
Convidam-se Àqueles Outros  
Que em vias de ilusão resplandecente  
Vislumbrando o panorama como magistral  
Apostam na luz no fim do túnel  
Ou no chão no fundo do poço  
Entoando a todo vozerio  
Outra canção de complexidade transcendental:  
“Viver... e não ter a vergonha de ser feliz!”

#### REFERÊNCIAS

J. Lacan - O Seminário, Livro 7, A Ética da Psicanálise – R. Janeiro, 1988 – Jorge Zahar Editora.  
MobFan. Imagem para celular – Paisagem de Inverno – Fonte Google.